

## **Festa de São Boaventura em Canavieiras-Bahia: peculiaridades e acontecimentos no ano de 1952**

**Oslan Ribeiro<sup>1</sup>; Janete Macêdo<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/CNPq-AF, Graduando em História, Universidade Estadual de Santa Cruz, e-mail: [osheikdeagadir@hotmail.com](mailto:osheikdeagadir@hotmail.com);
2. Orientadora, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Santa Cruz, e-mail: [janetermacedo@yahoo.com.br](mailto:janetermacedo@yahoo.com.br).

**PALAVRAS-CHAVE:** festa, religiosidade, poder.

### **INTRODUÇÃO**

Michel Vovelle afirma que a religião popular é, para os historiadores, uma descoberta tardia. Podemos incluir nesse atraso o estudo das devoções e festas. Na Europa, pesquisadores, influenciados pelos estudos sobre mentalidades nos anos 1970, passaram a se dedicar à análise de morte, rituais, festas, devoções, fenômenos religiosos, gênero, sexualidade, temas antes pesquisados apenas por antropólogos e etnólogos. No Brasil, o interesse dos profissionais da História por esses assuntos ganhou impulso a partir do final dos anos 1980. Sobre devoções, surgiram importantes trabalhos acadêmicos envolvendo principalmente o culto de personagens, especialmente mulheres e crianças que sofreram de doenças graves ou foram mortos de forma violenta, em nome de uma causa religiosa e, por isso, para servir de exemplo e agir na intercessão foram elevados à condição de santo. Nessa abordagem é que o presente trabalho contempla a festa de São Boaventura, padroeiro do município de Canavieiras, no sul da Bahia em 1952. As peculiaridades e acontecimentos acerca dessa secular devoção foram marcados pela inauguração da Casa Canônica (Casa paroquial) e peregrinação da visita de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do vizinho município de Belmonte à Canavieiras neste ano. As paróquias de São Boaventura de Canavieiras (1718) e de Nossa Senhora do Carmo de Belmonte (1860), na época eram da Diocese de Ilhéus (1913). Entendendo sobre quem foi o santo festejado, São Boaventura, foi um santo medieval (1218-1274), que foi Cardeal da Igreja e seus escritos de fundamento teólogo-filosófico serviram de grande utilidade para a fé católica, rendendo-o o título raríssimo de doutor da Igreja em sua canonização em 1482. Essa história de devoção se confunde com a formação de Canavieiras em fins do século XVII e início do XVIII.

### **METODOLOGIA**

Para tal análise, esse trabalho contou com fontes primárias como: programa-convite da festa de São Boaventura em 1952, além da análise das fotografias da época, aliada a relatos nos livros de memorialistas que registraram tais fatos.

Em outras palavras, a metodologia se pautará naquilo que Carlo Ginzburg (2007) destaca como fundamental na atividade do historiador: identificar e perseguir os rastros deixados pela documentação de época para em seguida construir a história de grupos e/ou personagens geralmente omitidos da documentação oficial e das abordagens

historiográficas tradicionais. (GINZBURG, Carlo. Fio e os rastros. São Paulo: Companhia das Letras, 2007).



Acervo: Oslan Costa Ribeiro (UESC).

## RESULTADOS

Em fins do século XVII e início do XVIII, baseada no mito do encontro da imagem de São Boaventura, em madeira, tipo cedro, com 1, 20 cm de altura, de estilo barroco português, encontrada por pescadores nas praias do “Poxim”, hoje distrito de Canavieiras, provavelmente peça de algum navio que deva ter naufragado próximo à costa de Canavieiras nesse período. Desde então, a devoção a São Boaventura está presente desde a formação de Canavieiras, sob sua proteção o pequeno povoado se tornou Freguesia em 1718, foi plantado as primeiras sementes de cacau em 1746, foi criado o município sob o título de *Imperial Villa de Cannavieiras*, em 1832 e elevada a categoria de Cidade, dando autonomia

político-administrativa e com seu território demarcado em 1891. Essa devoção a São Boaventura e a formação de Canavieiras é vista como indissociável, portanto, objeto de pesquisa histórica no que tange em elementos de religiosidade, analisadas dentro do recorte histórico proposto de 1952. Dentro da festa entre os dias 05 a 14 de julho, ocorreram as novenas na Igreja Matriz, segundo a fonte primária, houve também todas as noites após o término da novena, quermesse na praça, com barracas sob a responsabilidade da Congregação Mariana, Apostolado da Oração, Cruzada Eucarística e demais associações. A comissão da festa de 1952 teve por presidente o Pe. Agostinho Stauder, pároco de 1951-1959, além de outros nomes de homens de posição social elevada em Canavieiras. Dia 14 de julho, dia da festa do padroeiro São Boaventura, pela manhã, a missa festiva celebrada as 09h30min presidida pelo bispo diocesano de Ilhéus, Dom Benedito Zorzi (1946-1952), concelebrada pelos padres Agostinho Stauder, pároco local, João Clímaco, pároco de Belmonte, Raimundo Araújo e Gaspar Sadock, hoje monsenhor da Arquidiocese de Salvador. Logo após a solene celebração ocorreu a benção de inauguração, pelo bispo diocesano, da Casa Canônica, ou casa paroquial hoje, construída com recursos de doações dos fieis de Canavieiras, que um ano antes, em 1951, iniciou a campanha com o lema: “São Boaventura pede um óbolo<sup>1</sup> para CASA CANÔNICA”. Motivo de orgulho e satisfação por parte dos fieis católicos de Canavieiras, em sua maioria povo simples, pescadores, marisqueiras, funcionários públicos, professores, comerciantes e comerciários, e principalmente de sua alta sociedade, que nessa época ainda tinha o cacau como o fruto de ouro, economia

<sup>1</sup> Donativo, esmola, doação. Dicionário Houaiss, 2008, p. 2.042.

financiadora das novenas da festa, em que as famílias mais bastadas do município se faziam presentes sendo noiteiros, promovendo pomposas celebrações em “honra” ao seu padroeiro, e claramente, se aproveitando do ato, para se promover política e economicamente, havendo entre si disputa de quem mais gastou e promoveu a noite



**Foto: Casa Canônica (1952) e Igreja Matriz de São Boaventura (1932) em Canavieiras – BA.  
Fonte: Oslan Costa Ribeiro (UESC).**

mais bonita da festa. Isso ia das flores que ornavam os altares, passando pelos padres celebrantes, até a filarmônica que animava a quermesse na praça. Em setembro do mesmo ano, ocorreu a peregrinação de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Belmonte, cidade vizinha à Canavieiras, localizada no Vale do Jequitinhonha. Acompanhada por uma grande comitiva que seguiram viagem do porto de Belmonte, às margens do Rio Jequitinhonha, até o porto de Canavieiras, às margens do Rio Pardo. O andor com a imagem da padroeira de Belmonte desembarcou no porto de Canavieiras, sendo recebida com grande pompa por São Boaventura, acompanhado por suas irmandades, congregações, associações, o povo em geral e as autoridades civis e militares, como mostra a foto ao lado.



Com a intenção de unir pela fé, e conseqüentemente também pelo fator econômico das duas cidades, foi um dos maiores eventos religiosos realizados até então. Vê-se plenamente pelas fotos 1 e 2, a grande participação da massa popular. São elas que carregam bandeiras religiosas, tochas e a cruz procissional. Tanto na realização das festas do padroeiro São Boaventura em julho e na visita de Nossa Senhora do Carmo de Belmonte à Canavieiras em

setembro do mesmo ano. Nesse contexto a festa é um espaço privilegiado de manifestação do simbólico (AMARAL, 2001) razão pela qual este estudo adotará uma visão antropológica de cultura, assim, além de se constituir como toda produção material e espiritual que enreda o humano nas teias do simbólico (GEERTZ, 1989); é tomada nessa investigação como processo e não como objeto (CANCLINI, 2003; COELHO, 2008), portanto, não como algo estático, mas em constante mobilidade. Embora na atualidade este conceito não esteja de todo dissociado do mercado (SODRÉ, 1998), a cultura, em muitos casos, sempre encontra maneiras de resistir a uma cooptação total pela racionalidade capitalista (SAHLINS, 1997).

A religiosidade é alicerçada nas camadas mais humildes do município, em sua grande maioria mulheres e crianças. Enquanto nas comissões de festa, são compostas por homens, homens de grande vulto social e clérigos.

Essas visitas se repetiram muitas vezes, tanto Nossa Senhora do Carmo indo à Canavieiras e São Boaventura indo à Belmonte como retribuição. A última visita foi em 2008.



Fotos 1 e 2: Visita de Nossa Sra. do Carmo de Belmonte à Canavieiras – Bahia, em 27 de setembro de 1952.

Fonte: <http://ilhadecanavieiras.blogspot.com>

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira – Significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo, 1998, 387 p;
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 a. 388 p;
- COELHO, Teixeira. **A cultura e o seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural: 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, 245 p;
- GINZBURG, Carlo. **O Fio e os rastros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 321 p;
- SAHLINS, Marshall. O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (Partes I e II). **Mana** 3 (1 e 2), 1997, p. 41-73; 103-150.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando @ cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1991, 251 p.